

DIALÉTICA E PESQUISA: SEUS EMBASAMENTOS CIENTÍFICO-FILOSÓFICOS

José Luís Sanfelice¹
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Campinas-Brasil

Resumo

Este texto revisita o pensamento marxiano e autores marxistas buscando evidenciar os fundamentos da dialética do materialismo histórico e com o intuito de não reduzi-la a um método de pesquisa.

Palavras-Chave: dialética; materialismo histórico; pesquisa.

Abstract

This text recaptures Marx's thought, as well the thought of other Marxist authors, trying to make evidente the foundations of the dialectic historical materialism, with the aim of not reducing it to a research methods.

Key-words: dialectics; historical materialism; research.

¹ E-mail: sanfelice00@hotmail.com

Parece-nos que o tema que aqui está sugerido não pressupõe uma discussão preliminar sobre as diferentes conotações que o termo dialética assumiu historicamente. O fato de se vincular a dialética à pesquisa lança-nos à modernidade, ou mais especificamente à nova dialética, ou seja, a dialética hegeliana e a dialética marxista.

Em verdade o tema todo, *Dialética e pesquisa: seus embasamentos científico-filosóficos* é um tema típico de uma problemática da modernidade. Modernidade instaurada pela vitória da razão sobre a fé e modernidade construída pelo poder do conhecimento científico e filosófico, substitutivos da especulação metafísica.

Digamos que aqui há certo conforto teórico. O tema não sugere um questionamento do estatuto epistemológico da modernidade. Dito de outra maneira: não se espera uma discussão no âmbito da denominada crise dos paradigmas ou dentro do espírito fluído e de relativismo da autoproclamada pós-modernidade. O tema é simplesmente afirmativo.

I

Na medida em que se aceita o recorte acima explicitado, é conveniente lembrar que a referência a uma nova dialética não estabelece uma ruptura da modernidade com o passado próximo ou longínquo. A nova dialética, se assim pode ser chamada, tem dentre seus precursores Heráclito e os neoplatônicos, por exemplo. Por sua vez, a dialética antiga, dos présocráticos, dos socráticos (Sócrates, Platão e Aristóteles), dos estoicos (Plotino, Santo Agostinho), da Idade Média e Moderna (Descartes e Kant), continua presente no pensamento, na linguagem e nos registros de dicionários e enciclopédias. Dos dialetas antigos pode-se afirmar que o que os une é o princípio segundo o qual “dois contrários não podem encontrar-se simultaneamente na mesma coisa”. Daí “a diferença entre a dialética antiga e a nova dialética, pela sua atitude em relação ao princípio da contradição”. Foulquié (1974), em conhecido trabalho assume uma das possibilidades sugeridas historicamente pelo conceito de dialética para identificá-la com a lógica formal (a antiga dialética) ou a lógica dialética (a nova dialética). Uma transição, segundo o autor, que ocorreu de modo insensível. Nada a opor, desde que estas afirmações estejam suficientemente claras.

Para a dialética antiga, o princípio da contradição é a lei absoluta das coisas como do espírito: uma coisa não pode simultaneamente ser e não ser, e, sempre que o pensamento é levado a afirmar sucessivamente duas proposições que se contradizem, uma delas é evidentemente errada.

Pelo contrário, a nova dialética vê a contradição nas coisas que simultaneamente são e não são e desta contradição faz o *fulcro* essencial da atividade dos seres que, sem ela, seriam inertes. Também não devemos julgar-nos em erro sempre que se é levado a formular proposições contraditórias; sem dúvida será preciso superar esta contradição, mas sem rejeitar nem um nem outro dos membros da alternativa (Foulquié, 1974, p.40).

Assim posta, a distinção parece ser objetiva, entretanto, há uma questão segunda: se a nova dialética⁴ assenta-se realmente no pensamento filosófico com as obras de Hegel e Marx, por se utilizarem de uma lógica da contradição, as bases do pensamento idealista de um e os alicerces do pensamento materialista de outro vão constituir substantivas diferenças. Ao mesmo tempo, a identidade entre dialética e lógica é muito problemática, pois, em verdade a lógica é apenas um dos constitutivos da dialética, em especial no pensamento materialista histórico-dialético.

Vamos, na medida do possível, tentar acercar-nos destas questões, cientes de que estamos mergulhando num universo muito complexo, uma vez que no âmbito do pensamento marxista, possivelmente este seja um dos tópicos mais controversos. Sempre se indaga, por exemplo, qual é, a dívida de Marx para com Hegel? É também o mesmo tópico o grande responsável pelas perguntas em torno do sentido em que o marxismo se propõe ser uma ciência.

Em síntese, antes mesmo de verificarmos os desdobramentos decorrentes, pode-se estabelecer o seguinte:

A dialética é tematizada na tradição marxista mais comumente enquanto (a) um método e, mais habitualmente, um método científico: a dialética *epistemológica*; (b) um conjunto de leis ou princípios que governam um ou a totalidade da realidade: a

dialética *ontológica*; e (c) o movimento da história: dialética *relacional*. (Bottomore, 1997, p.101).

A tentativa de explicitarmos estes componentes acima sintetizados levamos inicialmente a uma necessária referência à dialética hegeliana entendida tanto como um processo lógico, quanto como o motor desse processo. Partindo do seu princípio idealista (o espírito absoluto), Hegel assume a concepção de dialética como *razão* e como *processo: o processo de razão* que se autogera, autodiferencia e se autoparticulariza. Daí o espírito absoluto hegeliano se constituir em processo lógico ou *dialético* “que se realiza pela própria alienação e estabelece sua unidade consigo mesmo reconhecendo essa alienação como nada mais que sua própria livre expressão ou manifestação; e que se recapitula e se completa no próprio Sistema Hegeliano” (Bottomore, 1997, p.102).

O motor de todo esse processo é a dialética, no sentido mais restrito, e que se constitui na compreensão dos contrários em sua unidade ou do positivo no negativo. Observa-se, por este método, “o processo pelo qual as categorias, noções ou formas de consciência surgem umas das outras para formar totalidades cada vez mais inclusivas, até que se complete o sistema de categorias, noções ou formas, como um todo” (Bottomore, 1992, p.102). Princípios como o de *superação* e *tensão* são fundamentais. O primeiro porque indica que toda evolução resulta de uma fase anterior menos desenvolvida e o segundo porque estabelece que entre qualquer forma e o que ela é, também, há o vir a ser.

É bastante conhecida a interlocução que Marx faz, em diferentes momentos e em diferentes obras, com o pensamento de Hegel e em especial com a dialética hegeliana. Sua posição, evidentemente é sempre crítica em decorrência do seu princípio materialista enquanto que o princípio de Hegel é idealista. Marx sempre atacou a filosofia dita especulativa, como tal. Mas, no que diz respeito à dialética hegeliana, suas posições precisam ser mais aclaradas porque ele não lança fora a criança que se lava na bacia juntamente com a água do banho.

Em carta a Kugelmann, de 06 de março de 1868, Marx refere-se à Dühring e afirma:

Sabe muito bem que meu método de desenvolvimento não é hegeliano, uma vez que sou materialista e Hegel é idealista. A

dialética de Hegel é a forma básica de toda dialética, mas somente depois que ela foi extirpada de sua forma mística, e isto é precisamente o que distingue meu método (Marx, 1974, p.214).

Embora a citação abaixo seja um tanto longa, prefiro sacrificar o estilo e fazê-la, porque a considero de límpida clareza. Trata-se de uma passagem “Do posfácio à segunda edição alemã do primeiro tomo de O Capital”:

Meu método dialético não difere apenas fundamentalmente do método de Hegel, mas é exatamente o seu reverso. Segundo Hegel, o processo do pensamento, que ele converte, inclusive, sob o nome de idéia, em sujeito com vida própria, é o demiurgo do real, e o real a simples forma fenomenal da idéia. Para mim, ao contrário, o ideal não é senão o material transposto e traduzido no cérebro do homem.

Critiquei o aspecto mistificador da dialética hegeliana há cerca de 30 anos, quando ainda se achava em moda. Na época em que eu escrevia o primeiro tomo de O Capital os epígonos enfadonhos, pretensiosos e medíocres, hoje catedráticos na Alemanha culta, divertiam-se em falar de Hegel (...) tratando-o de ‘cão morto’. Por isso declarei-me abertamente discípulo daquele grande pensador e inclusive, em algumas passagens do capítulo sobre a teoria do valor, cheguei a usar com prazer a sua forma peculiar de expressão. A mistificação sofrida pela dialética nas mãos de Hegel não anula de modo algum o fato de ter sido ele o primeiro a expor, em toda a sua amplitude e com toda consciência, as formas gerais do seu movimento. Em Hegel a dialética anda de cabeça para baixo. É preciso colocá-la sobre os pés para descobrir o núcleo racional encoberto sob a envoltura mística.

Em sua forma mistificada, a dialética pôs-se em moda na Alemanha porque parecia glorificar as coisas existentes. Para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, o seu aspecto racional

é um escândalo e uma abominação, uma vez que na concepção positiva das coisas existentes inclui a concepção de sua negação fatal, de sua destruição necessária; uma vez que, concebendo cada forma chegada a ser, no fluir do movimento, enfoca também o seu aspecto de transitoriedade, não se deixa submeter a nada, é essencialmente crítica e revolucionária (Marx, 1976, p.15-16).

Em carta a Engels, de 14 de janeiro de 1858, Marx declara ainda que, “se conseguisse tempo para tal trabalho, gostaria muitíssimo de tornar acessível à inteligência humana comum, em umas tantas páginas, o que é *racional* no método que descobriu Hegel, mas que ao mesmo tempo está envolto em misticismo” (Marx, 1973, p.21). É sabido que Marx não realizou este seu desejo, mas as várias indicações acima apontadas são suficientes para se afirmar que em Marx há uma dívida para com Hegel, reconhecida por ele mesmo, mas que não reduz suas críticas quando contrapõe “à ontologia idealista absoluta, à epistemologia racionalista especulativa e à sociologia idealista substantiva, uma concepção dos universais como propriedades das coisas particulares, do conhecimento como irredutivelmente empírico e da sociedade civil (mais tarde dos modos de produção) como fundamento do Estado” (Bottomore, 1997, p.102).

De outro modo, como já dito, Marx não só não explicitou, como desejava, o que há de racional no método que descobriu Hegel, como, também, não escreveu sobre sua concepção de dialética, conforme anunciara ter um projeto, em dezembro de 1825, numa carta a Joseph Dietzgen (Konder, 1981, p.50). Abriu-se, então, um imenso campo de debates acerca do que é a dialética no âmbito não só da obra de Marx, mas em todo o pensamento materialista histórico dialético.

Conhecemos a contribuição de Engels (1976, p.34) para com o esclarecimento parcial da questão, pela sua insistência em abordar a natureza geral da dialética como ciência:

As leis da dialética são, por conseguinte, extraídas da história da sociedade humana. Não são elas outras senão as leis mais gerais de ambas essas fases do desenvolvimento histórico, bem como do pensamento humano. Reduzem-se elas, principalmente, a três:

1) A lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa; 2) A lei da interpenetração dos contrários; 3) A lei da negação da negação.

Engels, tanto quanto Marx, reconhece que é no pensamento de Hegel onde se encontram estes elementos descritivos sobre o conceito de dialética e do mesmo modo acompanha as críticas que eram feitas a priori idealista. Lênin (s/d, p.19) é enfático quando indica que Marx e Engels viam na dialética de Hegel, “a mais vasta, a mais rica e a mais profunda doutrina da evolução, uma imensa aquisição da filosofia clássica alemã. Qualquer outro enunciado do princípio do desenvolvimento, da evolução lhes parecia unilateral, pobre, deformante e mutilante da marcha da evolução (muitas vezes marcada por saltos, catástrofes, revoluções) na natureza e na sociedade”. Citando Marx e Engels, Lênin vai tecendo idéias fundamentais acerca da dialética marxista, pois nela o mundo não pode ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas sim como um processo de complexos nos quais as coisas e os seus reflexos intelectuais em nossos cérebros, os conceitos, estão em mudanças contínuas e ininterruptas de devir. E é esta a razão pela qual esta dialética não está reduzida à lógica e nem a um método de investigação.

Entretanto, e já antecipando o anúncio de uma outra questão a ser abordada adiante, o reconhecimento filosófico desta idéia tão fundamental não corresponde necessariamente a uma capacidade de aplicá-la a cada domínio submetido à investigação.

A conclusão a que chega Lênin (s/d) é a de que para Marx, a dialética é a ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano. Nela, contraditoriamente, a permanência é o devir das coisas e dos conceitos refletidos no pensamento. E é necessário destacar que isto não exclui a lógica formal, mas a incorpora por superação.

Ainda mais: “... a dialética compreende o que hoje se chama teoria do conhecimento ou gnosiologia, que deve igualmente considerar o seu objeto do ponto de vista histórico, estudando e generalizando a origem e o desenvolvimento do conhecimento, a passagem da ignorância ao conhecimento” (Lenin, s/d, p.20).

Stalin esforçou-se em demonstrar a oposição entre a dialética marxista e a metafísica, leia-se lógica formal, não antes de ter explicitado suas diferentes conotações históricas, utilizando-se de Marx e Engels.

Stalim (s/d. p.15) pontuou:

- a) Ao contrário da metafísica, a dialética olha a natureza não como uma acumulação acidental de objetos, de fenômenos separados uns dos outros, isolados, e independentes uns dos outros, mas como um todo unido, coerente, em que os objetos, os fenômenos, estão ligados organicamente entre eles, dependem uns dos outros e condicionam-se reciprocamente. (...)
- b) Ao contrário da metafísica, a dialética olha a natureza, não como um estado de repouso e de imobilidade, de estagnação e de imutabilidade, mas como um estado de movimento e transformação perpétuos, de renovação e desenvolvimento incessantes, em que sempre nasce e desenvolve-se qualquer coisa, desagrega-se e desaparece qualquer coisa. (...)
- c) Contrariamente à metafísica, a dialética considera o processo de desenvolvimento, não como um simples processo de crescimento, em que as mudanças quantitativas não têm como resultado mudanças quantitativas, mas como um desenvolvimento que passa das mudanças quantitativas e latentes a mudanças evidentes e radicais, a mudanças qualitativas. (...)
- d) Ao contrário da metafísica, a dialética parte do princípio que os objetos e os fenômenos da natureza encerram contradições internas, pois todos eles têm um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro, todos eles têm elementos que desaparecem ou que se desenvolvem. (...)

Em Notas críticas sobre uma tentativa de ‘Ensaio popular’ de sociologia, referência ao livro de N. Bukharin, *A teoria do materialismo histórico* – Manual popular de sociologia marxista, publicado pela primeira vez em Moscou, em 1921, Gramsci (1981) critica o autor por não ter feito qualquer tratamento da dialética e considera esta atitude um verdadeiro absurdo. Segundo Gramsci esta ausência decorre de uma visão equivocada de N. Bukharin sobre a filosofia da práxis, denominação esta sob a qual Gramsci incorpora o materialismo

histórico-dialético de Marx e Engels. N. Bukhaiun teria cindido a filosofia da práxis em uma teoria da história e da política, entendida como sociologia sob a ótica positivista e uma filosofia propriamente dita, que seria o materialismo filosófico, mas metafísico, mecânico, vulgar. Não se compreende então a importância da dialética que:

De doutrina do conhecimento e substância medular da historiografia e da ciência política, é degradada a uma subespécie de lógica formal, a uma escolástica elementar. A função e o significado da dialética só podem ser concebidos em toda a sua fundamentalidade se a filosofia da *práxis* é concebida como uma filosofia integral e original, que inicia um nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, na medida em que supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais, expressões das velhas sociedades. Se a filosofia da *práxis* não é pensada senão como sendo subordinada a uma outra filosofia, é impossível conceber a nova dialética, na qual, precisamente, aquela superação se efetua e se expressa (...)

Sente-se que a dialética é algo muito árduo e difícil, na medida em que o pensar dialeticamente vai de encontro ao vulgar senso comum, que é dogmático, ávido de certezas peremptórias, tendo a lógica formal como sua expressão (Gramsci, 1981, p.159).

Percebe-se ainda que em trabalho eminentemente filosófico de Mao Tse Tung, sua preocupação centrou-se em explicitar longamente o princípio de contradição da dialética, ou seja, o princípio da unidade dos contrários porque, apoiando-se em Lenin, considera que a dialética é o estudo da contradição na essência mesma dos objetos. Mao Tse Tung caminha pelas concepções idealistas e materialistas, aponta para a universalidade da categoria contradição que se explicitou filosoficamente com as contribuições de Hegel, Marx, Engels e Lênin, aborda a contradição enquanto particularidade universal esclarece o que é uma contradição principal e o principal de uma contradição, aprofunda a análise da

luta travada entre os contrários na sua identidade, bem como sobre o papel do antagonismo na contradição. Coerentemente com seus pressupostos e fontes conclui: *“A lei da contradição nas coisas, isto é, a lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da natureza e da sociedade e, por consequência, também a lei fundamental do pensamento”* (Mao Tse Tung, 1974, p.368).

Podemos então concluir este tópico com algumas considerações relacionadas entre si:

a) a base filosófica da dialética percorre um imenso caminho do próprio pensamento filosófico: de Heráclito a Hegel e de Hegel para todo o pensamento marxista que historicamente explicita uma nova dialética, ou seja, a dialética fundada no materialismo histórico.

b) De uma dialética que significou a arte do discurso, ou que genericamente se restringiu à lógica, referida acima como sendo a antiga dialética, caminhou-se para uma dialética que incorporando e superando seu próprio passado, projeta-se como uma concepção da natureza, da história e do pensamento, uma vez que eles mesmos se constituem dialeticamente. Na síntese que antecipamos, apontávamos para uma dialética epistemológica, uma dialética ontológica e uma dialética relacional. Ou seja, a dialética do conhecimento como expressão do modo de ser dialético das coisas e da dialética da história.

c) Deparamo-nos com um esclarecimento magistral:

A lógica não pode ser concebida apenas como ciência da forma do pensamento, separada de qualquer conteúdo; com efeito, a forma do pensamento é já conduzida além de si mesma e não pode se conservar pura (puramente formal)... Para Lênin, como para Hegel, o conceito se desenvolve superando as oposições da forma e do conteúdo, do teórico e do prático, do subjetivo e do objetivo, do “para-si” e do “em si”... O método não deve desdenhar a lógica formal, mas retomá-la. Portanto, o que é esse método? É a consciência da forma, do movimento interno do conteúdo. E é “o próprio conteúdo”, o movimento dialético que este tem em si, que o impele para frente, incluída a forma. A lógica dialética acrescenta, à antiga lógica, a captação das transições, dos desenvolvimentos, da ‘ligação interna e necessária’ das partes no todo...

Não se poderia dizer melhor que só existe dialética (análise dialética, exposição ou ‘síntese’) se existir *movimento*, e que só há movimento se existir processo histórico: *história*. Tanto faz ser a história de um ser da natureza, do ser humano (social), do conhecimento! (...) A história é o movimento de um conteúdo, engendrando diferenças, polaridades, conflitos, problemas teóricos e práticos, e resolvendo-os (ou não). (Lefebvre, 1975, p.21).

II

Engels, ao abordar procedimentos adotados por um pensamento metafísico, é generosamente didático. Esclarece que para o metafísico tudo é objeto de uma investigação isolada, analisado seqüencialmente e tomado de forma fixa.

É um pensar por antíteses e sem meio termo: sim, sim; não, não. Uma coisa existe ou não existe e não pode ser ela e outra ao mesmo tempo. Excluem-se o positivo e o negativo e a causa e o efeito opõem-se de modo rígido. Mas este é o método de pensar do senso comum que pode até mesmo ser necessário dependendo dos objetos de que trata ou do estágio do conhecimento que se tem deles. Mas, para, além disso, é um pensamento que se torna unilateral, limitado, abstrato. Preocupado com a existência dos seres, não vê suas origens e suas mortes. “Obcecado pelas árvores não consegue ver o bosque”.

O que distingue a dialética da metafísica é a sua apreensão das coisas e os seus reflexos conceituais nas suas conexões, no seu encadeamento, na sua dinâmica, no seu nascimento e morte (Engels, 1974).

Mas a questão não respondida ou não abordada no item anterior é aquela que indaga sobre o modo pelo qual o materialismo histórico-dialético, ou mais precisamente o marxismo, se propõe a ser uma ciência.

Se o pensamento dialético resulta da representação da dialética dos seres e da história na consciência dos homens, esta é a chave principal da resposta, mesmo que isto signifique resquícios de uma antiquíssima epistemologia. Mas já insinuamos o tributo de Marx e Engels ao pensamento filosófico grego, bem como à dialética hegeliana, e, neste caso específico, Marx opera numa

concepção eminentemente aristotélica. A diferença que se estabelecerá é quanto ao critério de verdade que não se realizará na consciência solitária do sujeito, mas sim na prática social. O sujeito, por sua vez, não é um espelho do real, mas um sujeito ativo e rico em determinações.

O pensamento marxiano, em especial, alcança um conjunto de categorias ontológicas que permitem a reprodução ideal do movimento real da história. As duas grandes descobertas que Engels (1974) atribui a Marx, a concepção materialista da história e a revolução do segredo da produção capitalista através da mais valia, respondem parcialmente à nossa questão uma vez que a conclusão de Engels é que graças a isto o materialismo se tornou uma ciência. Dito de outra maneira: Marx dispôs de condições históricas que lhe viabilizaram reproduzir de forma adequada no nível da consciência, do conhecimento do real, as condições objetivas tanto da natureza quanto da sociedade em que vivia, ou seja, superar o idealismo e compreender o cerne do funcionamento da sociedade capitalista do século XIX. Um plano filosófico constituído pela reflexão sobre a realidade que cumpre a exigência de apoderar-se, por reflexão subjetiva, dos processos do mundo exterior.

A pergunta que nos persegue, leva-nos a uma constatação de plausibilidade contemporânea: a obra marxiana é filosófica, política, sociológica, econômica ou o quê? Não é relevante uma resposta centrada em alguma preferência, pois, na medida em que a obra marxiana é conseqüente com uma postura dialética epistemológica, ontológica e relacional, as partes, independente do seu prisma de abordagem, sempre se relacionam com o todo. Questões de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, ficam absolutamente sem sentido perante a obra marxiana. Trata-se, simplesmente, mas isto é muito complexo, de fazer a ciência da história. Novos paradigmas, novos objetos, novas fontes, novas abordagens, são questões pífias, pois em geral ignoram, cancelam da história, da filosofia e da ciência, as contribuições advindas do século XIX como um todo, e, em especial, a contribuição marxiana.

A obra marxiana prega um tributo consciente e crítico ao passado filosófico e científico, mas os novidadeiros de hoje parecem não ter um “antes” de si mesmos. “O menino acha Foucault a inauguração do mundo, mas ele nunca leu Nietzsche. Evidente, é um problema” (Netto, 1998, p.51).

Os fundamentos científicos da dialética esgotam-se, portanto, nas

considerações intrínsecas à própria dialética uma vez que como expressão na consciência do próprio real e das suas condições mutáveis, contraditórias, antagônicas, simples e complexas, dentre outras, quando realizada de forma adequada, e não como falsa consciência, é conhecimento, ou seja, o produto buscado por toda e qualquer ciência, embora só tenhamos, de fato, a ciência da história.

Mas, o que é a ciência? “A ciência é uma criação do homem, que descobre a possibilidade de transpor para o plano subjetivo o que é real objetivamente” (Pinto, 1969, p.76).

III

O que garante o êxito da pesquisa, da investigação é a riqueza cultural do sujeito que pesquisa. Investigador ignorante, pesquisa estreita. E é evidente que essa riqueza do pesquisador implica o conhecimento de vários modelos e padrões analíticos e ele tem que trabalhar segundo as suas opções que devem ser explicitadas.

(...) nenhuma formação teórico-metodológica é garantia de êxito de investigação. Ela é um dos componentes da investigação e deve ser um componente fundamental (Netto, 1998, p.52).

Já mencionamos a idéia de que o conhecimento da dialética em sua abrangência, como indicamos, não garante a sua utilização ou mesmo a adesão a ela, quando partimos para o mundo da investigação. Também pode ocorrer que, apesar dos nossos esforços, de assumirmos a postura dialética, não tenhamos grandes sucessos nos produtos de nossas pesquisas.

Em O Livro Vermelho de Mao Tse Tung (1972, p.227 e sg.), encontramos algumas recomendações muito esclarecedoras, no capítulo Métodos de pensamento e de trabalho:

Freqüentemente, para se chegar a um conhecimento correto, torna-se necessário repetir muitas vezes o processo que vai da matéria ao espírito e do espírito à matéria, quer dizer, da prática ao conhecimento e do conhecimento à prática.

Mao Tse Tung está pressupondo a relação teoria e prática mas, tendo realizado, antes deste anúncio, todo um esclarecimento acerca do critério do conhecimento verdadeiro no âmbito do pensamento marxista, ou seja, a prática social.

Todo aquele que quiser conhecer uma coisa ou fenômeno não poderá consegui-lo sem por-se em contato com essa coisa ou fenômeno, isto é, sem viver (entregar-se à prática) no seu próprio seio... Se se desejar adquirir conhecimentos há que tomar parte na prática que transforma a realidade.

Além da relação da teoria com a prática, Mao Tse Tung está atento à questão da origem do conhecimento, que os marxistas, indicam estar, essencialmente na experiência empírica.

Todos sabem, que sempre que se faz alguma coisa, é impossível conhecer as leis que a regem, saber como realizá-la e levá-la a bom fim, se não se lhe compreendem as condições, o caráter e os laços com as outras coisas.

(...) o materialismo e a dialética exigem esforços, o seu fundamento é a realidade objetiva e submeter-se ao controle dela. Se não se fazem esforços, corre-se o risco de cair no idealismo e na metafísica.

Mao Tse Tung atenta tanto para a necessidade de se conhecer “a própria coisa”, a sua relação com as outras coisas, bem como para o fato, sempre reiterado de que a determinação vem da realidade objetiva. Um vacilo e voltamos ao idealismo.

Quando analisamos uma coisa, devemos atender à sua essência, considerando as aparências apenas como o guia que nos leva até a porta. Uma vez transposta essa porta, há que apreender a essência da coisa. Eis o único método de análise seguro e científico.

Talvez esta seja a forma mais singela de se traduzir à hermética linguagem de Marx (1972) quando expõe seu Método da Economia Política. O real, o imediatamente dado faz parte de uma manifestação das aparências. O pesquisador necessita caminhar das aparências fenomênicas para a essência da coisa, para a coisa em si. O pressuposto dialético epistemológico é que o em si das coisas é atingível. Buscamos, então, a verdade, o conhecimento, porque consideramos possível alcançá-los. É esta, dentre outras, uma das razões que move os pesquisadores.

Na seqüência, o pensador chinês realiza uma exposição de algumas das chamadas categorias da dialética, como a alertar a que se deve estar atento, tanto no nível do pensamento quanto na observação do real, bem como na prática política, para que não se caia em simplismos, em afirmações absolutizadas, em conclusões que não evidenciam aspectos essenciais e unívocos. Critica quem vê a árvore e perde a dimensão da floresta para, lembrando Lênin, apontar que ser superficial é não ter em conta as características da contradição no conjunto e em cada um de seus aspectos. A unilateralidade e a superficialidade das abordagens, desconhecendo as ligações mútuas e as leis internas das coisas, é subjetivismo.

Embora nosso desejo ao longo deste texto tenha sido o de não reduzir a dialética a um método de pesquisa, é possível dizer que pesquisas que se orientam pela dialética, tomada em seu sentido amplo, buscam contemplar o melhor possível uma análise objetiva do objeto estudado, após explorá-lo exaustivamente. Tenta-se apreender o conjunto das conexões internas da coisa e isto é possível com o auxílio de muitos procedimentos científicos disponíveis. Não menos importante é a apreensão dos aspectos e momentos contraditórios internos, pois o objeto é tomado como totalidade e como unidade de contrários. Torna-se um desafio captar o conflito, o movimento, a tendência predominante da sua transformação.

Um segundo aspecto fundamental é o da relação da parte (o objeto em estudo) com o todo, não um todo infinito para o pesquisador, mas um todo, tomado tanto quanto necessário, para o melhor conhecimento do objeto. Quais são as relações da parte com o todo?

Quer se saber, sobre o objeto, qual é o seu movimento? Aprofundar-se no seu conhecimento é um caminhar do fenômeno à essência e esta é uma possibilidade ao infinito. Sem explicitar o movimento e as contradições, pouco se faz.

O pensamento precisa sempre estar aberto à própria coisa que num claro-escuro, mostra-se e se esconde. Mas sabemos que este pensamento, de um sujeito pesquisador, sempre será um pensamento situado, terá o seu mirante de onde olha e este lhe dá o seu alcance e o seu limite. Mirantes teóricos mais elevados viabilizam um olhar sobre horizontes mais distantes.

IV

Quero crer que o conjunto das questões anteriores, diz pouco a uma boa parcela das tendências atuais da pesquisa em ciências humanas, assentadas sob o rótulo dos novos paradigmas, embora nada nesta área seja muito novo. Mas, evidentemente, se o modelo de fazer pesquisa científica de modo racional é rechaçado e substituído por uma supremacia subjetivista ou de relativismo da verdade, a verdade de cada um, sem que o pesquisador tenha nem mesmo uma formação que lhe permita um domínio da lógica formal, da lógica dialética hegeliana ou da lógica dialética marxiana, ou de qualquer lógica (basta verificar o que vem ocorrendo na maioria de nossos cursos de pós-graduação da área), então, realmente a retomada dos clássicos, é uma atitude pré-histórica.

Fiz, propositadamente, uma referência sistemática a autores clássicos e, quase sempre aos textos mais acessíveis, porque não vejo hoje, na imensidão das dissertações e teses produzidas na área, a preocupação, por exemplo, de se discutir a dialética no âmbito do pensamento filosófico que a explicitou historicamente. Há exceções, mas via de regra o que temos são círculos fechados de pesquisa nos quais seus membros se autoreferenciam e isto parece ser o suficiente para referendar o valor dos trabalhos. Sem dizer do controle

hegemônico que certos grupos adquirem nas instituições ou entidades onde passam a sinalizar o que é bom ou ruim na pesquisa, ou se se deve fazer pesquisa segundo modelos da modernidade ou da pós-modernidade, seja lá o que se entender sobre isto. Há um abandono generalizado do contato com os pensadores clássicos, porque já nos cursos de graduação o aluno é informado de que eles estão superados (Sanfelice, 2001; 2003).

Desconfio que boa parte dos trabalhos que se dizem dialéticos, nem mesmo estabelecem a diferenciação entre as bases idealistas da dialética hegeliana e a dialética ontológica, epistemológica e relacional marxiana, de bases materialista. Com exceções, ainda bem que as há, parte da produção não se afasta do senso comum, porque fomos abdicando do entendimento que um dia tivemos que ao término de uma pesquisa científica não só o pesquisador-cientista necessita saber mais do que sabia ao começá-la, mas porque este mais suscita um novo volume de indagações e impõe a exigência de um novo e maior conhecimento. Temos que “entender o ato investigador como choque de um sujeito indagador, movido por finalidades subjetivas e dotado de instrumentos objetivos, contra uma realidade que lhe opõe resistência, cuja superação constitui para ele uma necessidade vital, uma natureza que o desafia a que a domine, e lhe cria curiosidade e interesses, a que não pode fugir” (Pinto, 1969, p.456). Entenda-se, as finalidades subjetivas como sendo determinadas objetivamente.

Com mais ênfase ainda, o mesmo autor, certamente alicerçado na tese marxiana de que “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente, trata-se, porém de modificá-lo” (Marx, 1975), aponta que a pesquisa científica consiste em um esforço de transformação do mundo para que ele fique mais adequado aos interesses dos seres humanos. É uma transformação de caráter existencial e a base de toda a ciência é a contradição dos homens com a natureza. Não é por acaso que o pensamento marxista sempre proclamou de que lugar histórico, social, político e com que interesses, deseja a mudança da ordem ou desordem estabelecida. É uma questão de coerência.

Finalmente, se podemos entender que a pesquisa científica tem por distintivo e original a criação do novo e a substituição do velho no processo de conhecimento, mesmo que este novo se origine no interior do velho, então podemos concluir com o autor em pauta que:

Definimos a pesquisa científica fundamentalmente como um ato de trabalho sobre a realidade objetiva. Sendo um ato de trabalho, cabe indagar em que consiste. A resposta anuncia-se assim: consiste em *conhecer* o mundo no qual o homem atua. O segundo aspecto da definição resume-se em que, sendo ato de trabalho, a pesquisa científica é sempre produtiva, inscreve-se entre as modalidades da produção social. Em virtude do conhecimento resultante desta variedade particular do trabalho, criam-se simultaneamente produtos ideais e bens materiais, uns e outros em ação recíproca. Em terceiro lugar, a definição exposta implica que o trabalho de pesquisa científica faz-se sempre dirigido por uma finalidade, que, sendo apanágio da consciência, dá a esse ato o caráter existencial que nele devemos reconhecer (Pinto, 1963, p.456).

Permanecem em pauta inúmeras questões, pois dada a centralidade da categoria trabalho na obra marxiana, e tendo em vista a última citação, caberia aqui uma incursão reflexiva não só no universo da dialética do trabalho em geral, bem como na dialética da produção do trabalho científico em uma sociedade de classes. Não faremos isto, embora reconheçamos que seria importante.

Não menos relevante seria a oportuna e sempre presente indagação acerca do estatuto das próprias ciências humanas. De onde vem ou articula-se esta dita crise?

Quanto ao próprio sujeito pesquisador, no que diz respeito aos seus condicionantes histórico-sociais e às condições materiais e objetivas em que realiza suas pesquisas, um universo imenso de indagações se delinea, mas também não caminharemos por ele.

Resta-nos dizer que dialéticamente, todos estes temas – questões – problemas relacionam-se e que nossa opção, por termos privilegiado a dialética de bases materialista e histórica, marxiana e marxista, decorre do fato dela se constituir em poderosa ontologia, em forte epistemologia que nos facilitam compreender e explicar as relações substantivas que os homens estabelecem com a natureza e consigo mesmos, através de toda a história. Estamos convencidos disto, pois a dialética materialista histórica é uma postura, um método e uma praxis.

REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 1997.
- ENGELS, F. *A dialética da natureza*. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1976.
- ENGELS, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Lisboa. Editorial Estampa: 1974.
- FOULQUIÉ, P. *A dialética*. (S.L). Publicações Europa-América: 1974.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 1981.
- KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo. Brasiliense: 1981.
- LEFEBVRE, H. *Lógica formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 1975.
- LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo. Global Editora: (s.d.)
- MARX, C. e ENGELS, F. *Correspondência*. Buenos Aires. Editorial Cartago: 1973.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo. Martins Fontes: 1977.
- MARX, K. e ENGELS, F. *Textos (1)*. São Paulo. Edições Sociais: 1975.
- MARX, K. e ENGELS, F. *Textos (2)*. São Paulo. Edições Sociais: 1976.
- MARX, K. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1974.
- NETTO, José P. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. *História e História da Educação*. O debate teórico-metodológico atual. Campinas. Autores Associados: HISTEDBR: 1998.
- PINTO, A. V. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1969.
- SANFELICE, J. L. Pesquisa e ciências humanas no Brasil: soluções e/ou impotências? *Quaestio*: Revista de Estudos de Educação. Sorocaba. Uniso: ano 3, nº 1; 2001, pp. 11-15.
- SANFELICE, J.L. A pesquisa educacional no Brasil: impasses e desafios. *Quaestio*: Revista de Estudos de Educação. Sorocaba. Uniso: ano 5, nº 1; 2003, pp. 09-15.

Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos

STALIN, J. *Materialismo dialético e materialismo histórico*. São Paulo.

Global Editora: (s.d.)

TSE TUNG, Mao. *O livro vermelho*. São Paulo. Global Editora: 1972.

TSE TUNG, Mao. *Obras Escogidas de Mao Tse Tung*. Madrid. Editorial

Fundamentos: 1974.